

## O POVO NA CRUZ

*Autor: Leandro Gomes de Barros*

Alerta, Brasil, alerta!  
Desperta o sono pesado,  
Abre os olhos que verás  
Teu povo sacrificado  
Entre peste, fome e guerra  
De tudo sobressaltado.

O brasileiro hoje em dia  
Luta até para morrer,  
Porque depois dele morto  
Tudo nele quer roer,  
De forma que até a terra  
Não acha mais que comer.

A fome come-lhe a carne  
O trabalho gasta o braço  
Depois o governo pega-o  
Há de o partir a compasso  
Estado, alfândega, intendência.  
Cada um tira um pedaço.

O médico cobra a receita  
O boticário a meizinha,  
O juiz confisca logo  
Alguns bens, se acaso tinha,

Inda ficando uma parte  
Diz a Intendência: - É minha!

Assim morre o brasileiro  
Como bode exposto à chuva,  
Tem por direito o imposto  
E a palmatória por luva  
Família só herda dele  
Nome de órfão e viúva.

Morrendo um pobre diabo  
Se acaso deixar dinheiro,  
Ainda deixando um filho  
Este não é seu herdeiro  
Só herda dele o juiz,  
O escrivão e o coveiro.

E o governo bem vê  
Nossos martírios cruéis  
Só faz é nos botar selo\*  
Da cabeça até os pés  
Diz: - De manhã morre um  
Ao meio-dia nascem dez.

*\* Selo – estampilhas dos impostos.*

E grita: - Viva o imposto,  
Morra quem estiver doente,  
Morrem cem, nascem dez mil,

O Brasil tem muita gente  
O tempo está muito bom  
Toca o banquete pra frente!

O governo estraga o pão  
Dizendo: - Não custou nada,  
Dinheiro nasce no mato  
Acha-se em qualquer estrada,  
Vendo o mendigo morrer  
Como fosse ao pé da escada.

Porque o pobre infeliz  
A quem a fome deu cabo  
Diz o prefeito morreu  
Pode levar o diabo  
Diz o coveiro: - De graça  
A sepultura eu não abro.

São estas as garantias  
Que competem ao brasileiro,  
Tem fome em cima do pão  
Ser pobre tendo dinheiro  
Ser mandado pelos servos  
Isto causa destempero!

Como vive o brasileiro  
Com três impostos a pagar?  
Um corpo com três feridas  
Como assim pode escapar?

Um ser escravo de três  
Se acaba de trabalhar.

São tantas as perseguições  
Dos impostos que se paga  
Que um fiscal para nação  
Não pode haver maior praga  
É como bala de rifle  
Onde vai fura ou esmaga.

Não há mesmo quem resista,  
Estes impostos agora  
Diz o governo que tem  
Quer morrer tudo uma hora?  
Quando o morto se acabar  
Eu boto o bagaço fora.

E se não houver inverno,  
Como o povo todo espera,  
De Pernambuco não fica  
Nem os esteios da trapera,  
Paraíba fica em nada  
Rio Grande desespera.

O Rio de Janeiro, hoje  
Parece um grande condado,  
Ri-se o rico, chora o pobre  
Lamentando o seu estado  
Diz o governo, eu vou bem,

Tudo vai do meu agrado.

São Paulo para o governo  
É primor da criação,  
Eu o acho parecido  
Com sítio da maldição,  
Aquele que Judas comprou  
Com o ouro da traição.

Filho de chefe político  
Inda bem não é gerado  
Diz o pai minha mulher  
Já tem no ventre um soldado  
Mas antes de sentar praça  
Eu o quero reformado.

Assim antes de ser casa,  
Já podia ser tapera,  
Ou caju que antes da fruta,  
Já a semente prospera  
Ou é raça de pescada  
Que antes de ser já era.

Nosso Pernambuco velho  
Há anos anda caipora,  
Vendo-se a hora e a instante  
Que a capital vai embora  
O governo está marcando  
Em botar-lhe o bagaço fora.

Paraíba coitadinha!  
Já perdeu toda esperança,  
É mesmo que uma boneca  
Nas unhas de uma criança,  
Faz toda súplica ao governo  
Mas suplica e nada alcança.

Em que hoje está tornado  
O país da Santa Cruz!  
Está igual a mariposa  
No calor do fogo ou luz,  
O brasileiro é um verme,  
O estrangeiro é mastruz.

O Brasil hoje só presta,  
Para inglês, padre e soldado,  
Médicos, feiticeiros e brabos,  
O mais vive acabrunhado,  
De forma que fica o mundo,  
Por estes só situado.

O rico matando o pobre,  
Nem se recolhe a prisão,  
Diz logo o advogado,  
Matou com muita razão  
Se passa um mês na cadeia,  
Tem a gratificação.